

Caracterização do primeiro turno das eleições presidenciais no Brasil (outubro de 2022)

Bruno Lima Rocha¹

Victor Khaled²

Resumo: O presente texto pretende captar algumas primeiras impressões sobre o fim do primeiro turno das eleições presidenciais de 2022 e os arcos de alianças que vêm sendo anunciados nos sete a dez dias posteriores ao anúncio de segundo turno. Para registro histórico, lembramos que, de forma aproximada, Lula recebeu 48,43% dos votos válidos e Bolsonaro 43,20%, com uma média mais baixa de votos nulos e brancos do que a registrada nas eleições anteriores e com a abstenção se mantendo no patamar de 20%.

Palavras-chave: bolsonarismo, análise de conjuntura, Brasil, eleições.

Primeiramente, é preciso reconhecer que uma parcela significativa do eleitorado bolsonarista não está respondendo as pesquisas de intenção de voto. Para superar essa lacuna de informações é preciso um conjunto de instrumentos de pesquisa com perguntas indiretas, além de um maior tempo de entrevista realizada presencialmente. Tudo isso tornaria as pesquisas mais caras. A situação se agrava pelo fato de haver uma dezena de “institutos” de pesquisa e, ainda, com o perigo da criminalização caso o resultado seja muito incorreto. Esta ameaça vem do próprio líder do governo Bolsonaro na Câmara, o deputado federal paranaense Ricardo Barros (PP-PR), reeleito.

Diante disso, podemos afirmar que a extrema direita está fazendo mais do que apenas avançar em vários grupos sociais de forma consolidada. Existe uma alteração sistêmica que está mexendo na hegemonia de um conjunto de poderes. Por exemplo: os grupos de mídia que não apoiam alguns governos. O que o Trump fez nos EUA com a CNN e a MSNBC o Bolsonaro fez com a Globo, que tem metade da audiência do Brasil. Quanto aos institutos de pesquisa e a Suprema Corte, temos a mesma situação. Na guerra ideológica, se juntarmos o que o Brasil tem de pior, mesmo após a exposição vexatória do governo Bolsonaro na condução da pandemia, cerca de 45% do eleitorado do país de alguma maneira apoia o governo do “trumpismo tropical”.

¹ Cientista político, Jornalista, Professor de Relações Internacionais, Pesquisador integrante do ITHA.

² Geógrafo e Pesquisador integrante do ITHA.

Para restituir a social-democracia ao poder, assistiremos a uma reedição do palanque do movimento “Diretas Já”, ocorrido no primeiro semestre de 1984, último ano da ditadura militar. Os posicionamentos de alguns dos partidos de centro-direita (MDB, PSDB, PSD) e de direita (União Brasil) deverão se somar no todo, “liberando” suas bases e os líderes destas legendas para buscarem o apoio mais relevante segundo os interesses particulares.

Vejamos. Simone Tebet (MDB), terceira colocada, está apoiando Lula e exigindo uma aliança programática. O PDT também declarou apoio à chapa Lula/Alckmin e, embora muito a contragosto e por disciplina partidária, Ciro Gomes (4º colocado) publicou vídeo de “apoio” sem citar o apoiado. Peça importante no tabuleiro, o candidato a vice, Geraldo Alckmin, é a porta de entrada para a retomada do *status quo*, caso vença na urna e supere o terror cibernético e patronal que atinge o Brasil nestas eleições. Não é uma aliança com um oligarca corrupto, como foi o caso do ex-presidente golpista Michel Temer (o mesmo que derrubou Dilma Rousseff em abril de 2016). Também não se trata de uma aliança capital-trabalho, como na aliança com José de Alencar (empresário do ramo industrial, vice-presidente de Lula nas candidaturas eleitas em 2002 e 2006).

Acreditamos ser essa uma aliança política que resgata o liberalismo democrático, tentando juntar o conceito de pós-neoliberalismo: controle sobre as finanças públicas sem desgarnecer o colchão de proteção social. É mais interessante do que o bolsonarismo, mas é isso, em termos de projeção da economia política brasileira, apenas isso. Em se tratando do conflito distributivo e do antagonismo de classe, nenhum avanço, pois não se trata de fazer luta social, mas apenas a defesa da república e de suas instituições. Qualquer semelhança com o embate da política doméstica dos EUA não é nenhuma coincidência.

Outro fator interessante para comparação vem do nosso vizinho. Em 2022 não temos nenhuma grande candidatura à esquerda, algo muito parecido do que ocorreu nas últimas eleições argentinas. Por lá, para ganhar da direita (Juntos por el Cambio), Alberto Fernández (Frente de Todos) colocou Cristina Kirchner de vice e recebeu apoio dos outros dois concorrentes: Daniel Scioli e Sérgio Massa. Este último, que representa o poder de fato na Argentina (ex-presidente da Câmara de Deputados que ganhou poderes de superministro), embora tenha o selo de peronista vem de formação neoliberal, do grupo de Alvaro Alsogaray. Quanto a Scioli, sabemos que foi muito próximo de Menem na década de 90, inclusive mais do que a própria Cristina. Por fim, Alberto Fernández, ex-membro da União Cívica Radical (UCR), é muito próximo do ex-presidente Raúl Alfonsín. Ou seja, o “peronismo de esquerda” atual (que não é de esquerda, é de centro-esquerda, como a Linha K e outras agrupações) tem

sua similitude com a social-democracia brasileira que pretende fazer uma mega fusão para reeditar o palanque das “Diretas Já”.

Isso porque, desde 2015, a direita brasileira foi hegemônica pela extrema direita, que joga no limite do que as regras do jogo liberal democrático permitem. Por deter essa radicalidade no discurso, conseguem esticar a corda e com isso vão esticando as regras. Isso pode ser percebido, por exemplo, na militarização da sociedade e na “milicianização” da política, com o emprego de forças parapoliciais. O crescimento dessa extrema direita que faz caldo cultural com o trumpismo é também alinhado às igrejas pentecostais e neopentecostais e do fenômeno de radicalização a direita de grupos protestantes tradicionais.

A questão de fundo é ter uma sociedade militarizada somente para a defesa da propriedade e do patrimônio, mas não para coibir o crime da elite, contestando poderes de fato dessa agenda liberal progressista, no caso dos costumes identitários e fazendo um alinhamento internacional muito absurdo, sem nenhum rigor, como quando Bolsonaro empacota todos os matizes da centro-esquerda latino-americana, coloca na mesma vala comum e transforma isso em discurso que alcança algum sentido para seus fiéis. Importante assinalar que essa extrema direita não conta mais com a benção dos EUA. Embora conte com o apoio de Trump e Bannon, o bolsonarismo hoje não é apoiado pela Casa Branca e o *Deep State* norte-americano. Bolsonaro, o coveiro do Brasil, cita sem pudor e critica como se fosse um bloco único governos distintos como são os da Argentina, Chile, Peru, Colômbia, Venezuela, Nicarágua e Cuba! A ignorância e a desinformação são do tamanho da maledicência de sua assessoria internacional.

Sobre a campanha no segundo turno, já na primeira semana Bolsonaro estabeleceu aliança com governadores estaduais reeleitos. Agora a dúvida central é: qual será a transferência de voto do governador do estado de Minas Gerais, o ultraliberal Romeu Zema? Isso porque se pensava que Lula ficaria 10 pontos à frente em Minas Gerais (segundo maior colégio eleitoral do país), mas a diferença foi muito mais apertada. Também havia previsão de empate técnico em São Paulo, entre os candidatos Fernando Haddad (PT) e Tarcísio de Freitas, candidato da extrema direita, mas a social-democracia petista perdeu por oito pontos. Importante lembrar que São Paulo concentra mais de 40 milhões de habitantes e 40% do PIB nacional. Logo, as pesquisas erraram muito, o que aumenta a rebelião da direita contra a ciência e a mídia.

Estamos num momento paradoxal. Qualquer tipo de rigor que estávamos acostumados como país vindo da abertura lenta, gradual e irrestrita após a Ditadura foi por água abaixo. Aquela aliança de oligarcas da direita e da centro-direita, quando o pior do país topava jogar as regras do jogo democrático, concedendo alguns direitos sociais, com a condição de saírem

favorecidos ao final, acabou. A agenda regressiva no Congresso vem desde os tempos do recém-liberto Eduardo Cunha, manobrando a “House of Cunha” na mesa diretora da Câmara e tentando evitar sua cassação a todo custo. Hoje, no pós lavajatismo, Cunha está no mesmo palanque do ex-juiz e ex-ministro de Bolsonaro, Sergio Moro (eleito senador pelo Paraná, pelo União Brasil) e o ex-procurador federal da “república de Curitiba”, Deltan Dallagnol (eleito deputado federal pelo Podemos paranaense).

Por fim temos que entender que há 20% de abstenção. É a média nacional. E o Bolsonaro, apesar da estupidez, é muito esperto. Quando viu a TV Globo fazendo campanha para o voto jovem, de 16 a 18 anos, ele entendeu que aquela era uma reserva eleitoral da esquerda, dizendo que “o jovem é rebelde, quer mudança rápida” etc. De novo vemos a mesma lógica do trumpismo: investir na votação onde houver menos gastos e empenho nos recursos de mobilização.

O jogo da abstenção retrata essa situação. Logo, também está reproduzindo uma lógica dos EUA, que é a da reserva eleitoral. Como o Biden ganhou, e ganhou maioria na Câmara? Com os votos da Geórgia. E ele ganhou lá porque teve um grupo de Democratas da seção afro-americana do Partido Democrata – liderados pela ex-deputada estadual Stacey Abrams – que conseguiu registrar quase um milhão de eleitores e eleitoras. A questão é: quem tem o contato com as camadas que são abstencionistas (o conjunto de votos pentecostais evangélicos)? Toda a esquerda e a centro-esquerda perdeu penetração social e vai ser bem difícil reverter aí.

Em contrapartida, os custos de mobilização para a extrema direita são fáceis, basta ir numa motociata com tanque cheio, buzinação, vestir uma camisa amarela ou da seleção brasileira. Não é o mesmo custo de mobilização como o de tirar o pessoal de casa para uma marcha, andar doze horas sem parar com chuva na cabeça, risco de repressão, problema de transporte e comida. Ou seja, a lógica da luta não é o que mobiliza essas pessoas, é outro tipo de lógica.

Outra manobra da última semana de setembro foi a partir do comportamento de manada. No final do primeiro turno das eleições vimos uma “onda amarela da extrema direita”. Se formos ver a massificação dos atos pelo Twitter podemos observar que os profascistas ganharam as ruas, e para retomar esse espaço público por esquerda vai ser bem difícil. Ainda que a social-democracia ganhe nas urnas eleitorais.

Publicado no Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA) em 10/10/2022